

AFTER

DEPOIS DA VERDADE

ANNA TODD



Tradução
CAROLINA CAIRES COELHO
JULIANA ROMEIRO

PA
RA
LE
IA

Copyright © 2014 by Anna Todd

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL After We Collided

CAPA Damonza

IMAGEM DE CAPA Julian Walter/ Offset

IMAGEM DE MIOLO Departamento de Arte do Grupo Planeta, Espanha

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Mariana Zanini e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Todd, Anna

After : depois da verdade / Anna Todd ; tradução Carolina Caires Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: After We Collided.
ISBN 978-85-65530-84-2

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-00493

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Prólogo



HARDIN

Não sinto o cimento gelado sob meu corpo nem a neve se acumulando sobre mim. Tudo o que sinto é um buraco no peito. Estou de joelhos, impotente, vendo Zed arrancar com o carro e sair do estacionamento com Tessa no banco do carona.

Jamais poderia ter imaginado isso — nem em meus sonhos mais insanos imaginaria que sofreria desse jeito. Acho que é isso que chamam de dor da perda. Nunca tive nada nem ninguém para amar, nunca senti a necessidade de ter uma pessoa que fosse completamente minha. Nunca quis me apegar a alguém dessa forma. O pânico — esse pânico filho da puta de perdê-la — não foi algo planejado. Nada disso foi. Era para ser tudo bem fácil: dormir com ela, pegar meu dinheiro e tirar onda com Zed. O de sempre. Só que não foi o que aconteceu. Em vez disso, a loira das saias compridas que gosta de fazer listas de tarefas foi entrando no meu coração, bem devagar, até eu ficar incredivelmente apaixonado. Não sabia o quanto a amava até me pegar vomitando numa pia depois de mostrar aos degenerados dos meus amigos a prova da virgindade que roubei.

Como odiei aquilo, cada momento... mas fui até o fim.

Ganhei a aposta, mas perdi a única coisa que um dia me fez feliz. E com isso, perdi também toda a bondade que ela me fez enxergar em mim mesmo. Sentindo a neve encharcar minhas roupas, minha vontade é de culpar meu pai por me transmitir seu vício; culpar minha mãe por ter ficado tanto tempo com ele, ajudando a criar uma criança tão desajustada; culpar Tessa por ter dado bola para mim. Que inferno, quero culpar todo mundo.

Mas não posso. Fui *eu* que fiz isso. Eu a destruí. Destruí tudo o que tínhamos.

Mas vou fazer de tudo para consertar meus erros.

Para onde ela está indo agora? Para algum lugar onde nunca vou encontrá-la?

1



TESSA

“Levou mais de um mês”, digo em meio aos soluços, assim que Zed termina de explicar como começou a aposta. Sinto enjoo e fecho os olhos, procurando algum tipo de alívio.

“Eu sei. Ele ficava dando desculpas, pedindo mais tempo e diminuindo o valor que ia receber. Foi estranho. Estava todo mundo pensando que ele estava obcecado para ganhar — para provar alguma coisa ou sei lá —, mas agora entendi.” Zed para de falar por um instante, e seus olhos observam atentamente meu rosto. “Ele só falava disso. Aí, naquele dia, quando chamei você para o cinema, ele surtou. Depois de levar você, ele veio falar um monte de merda para mim, para eu ficar longe de você. Mas eu dei risada, achei que ele estava bêbado.”

“Ele... ele contou do rio? E... das outras coisas?” Prendo a respiração assim que faço a pergunta. Pela expressão que vejo refletida nos olhos de Zed, já sei a resposta. “Ai, meu Deus.” Cubro o rosto com as mãos.

“Ele contou tudo... Tipo, tudo *mesmo*...”, ele revela, em voz baixa.

Fico quieta e desligo o celular, que não parou de vibrar desde que saí do bar. Ele não tem o direito de me ligar.

“Onde fica o seu novo alojamento?”, Zed pergunta, e percebo que estamos perto do campus.

“Não moro mais em alojamento. Hardin e eu...” Mal consigo terminar a frase. “Ele me convenceu a ir morar com ele, tem só uma semana.”

“Não acredito”, Zed comenta.

“Sim. Ele não tem a menor... ele é tão...”, gaguejo, incapaz de pensar numa palavra apropriada para definir aquele tipo de crueldade.

“Não sabia que as coisas estavam nesse pé. Achei que, depois que a gente tinha visto... sabe como é, a prova... Pensei que ele fosse voltar ao normal, pegar uma garota diferente a cada noite. Mas ele sumiu. Mal falou com a gente, a não ser uma vez, quando apareceu nas docas pedin-

do para mim e para o Jace não contarmos nada pra você. Ele ofereceu uma bolada para o Jace ficar quieto.”

“Dinheiro?”, pergunto. Hardin era mesmo muito baixo. A cada revelação doentia, o espaço dentro da caminhonete de Zed parece diminuir mais e mais.

“Pois é. Jace morreu de rir, claro, e disse que ia ficar de boca fechada.”

“E você não?”, pergunto, lembrando do punho fechado de Hardin no rosto de Zed.

“Não exatamente... Falei que, se ele não contasse logo, eu mesmo ia contar. Ele não ficou muito contente, claro”, Zed explica, apontando para o próprio rosto. “Se isso serve de consolo, acho que ele gosta de você.”

“Gosta nada. E, mesmo se gostar, não faz diferença”, digo e recosto a cabeça na janela.

Hardin descreveu para seus amigos cada beijo e cada toque; tudo o que fiz foi completamente escancarado. Meus momentos mais íntimos. Os únicos momentos íntimos que tenho não são só meus.

“Quer ficar lá em casa? Sem segundas intenções. Tenho um sofá na sala, e você pode ficar até... resolver as coisas”, ele oferece.

“Não. Não, obrigada. Mas posso usar seu telefone? Preciso ligar para o Landon.”

Zed aponta com o queixo para o telefone no painel do carro e, por um momento, penso em como as coisas teriam sido diferentes se eu não tivesse me afastado de Zed por causa de Hardin depois da fogueira. Eu não teria cometido tantos erros.

Landon atende no segundo toque e me manda ir direto para a casa dele, exatamente como imaginei que faria. É bem verdade que ainda não contei o que está acontecendo, mas ele é muito gentil. Dou o endereço a Zed, e ele fica em silêncio durante a maior parte do trajeto.

“Ele vai me matar por não ter levado você de volta para casa”, Zed diz, afinal.

“Em outras circunstâncias eu pediria desculpas por ter envolvido você nisso... mas foram vocês que inventaram essa história toda”, digo, com toda a sinceridade. Tenho um pouco de pena de Zed, porque acredito que ele tinha intenções muito melhores que as de Hardin, mas minhas feridas ainda são recentes demais para pensar nisso agora.

“Eu sei.” E então oferece: “Se precisar de alguma coisa, me liga.”

Respondo com um aceno de cabeça antes de saltar do carro.

Minha respiração condensa nuvens quentes de vapor em meio ao ar gelado. Mas não sinto frio. Não sinto nada.

Landon é meu único amigo, e mora na casa do pai de Hardin. A ironia da situação é evidente.

“Está caindo uma nevasca lá fora”, diz Landon, enquanto me coloca para dentro de casa. “Cadê o seu casaco?”, ele me dá uma bronca meio de brincadeira antes de fazer uma careta ao me ver melhor sob a luz. “O que aconteceu? O que ele fez?”

Meus olhos esquadrinham a sala, torcendo para que Ken e Karen estejam no andar de cima. “Está tão na cara assim, é?” Enxugo os olhos.

Landon me dá um abraço e enxugo os olhos de novo. Já não tenho forças, nem físicas nem emocionais, para soluçar. Estou chocada demais até para isso.

Ele me dá um copo d’água e diz: “Vai para o seu quarto”.

Eu me esforço para abrir um sorriso, mas, quando chego ao andar de cima, algum instinto perverso me leva até a porta de Hardin. Quando me dou conta, a dor, que já estava tão perto de vir à tona de novo, volta ainda mais forte, então me viro correndo para o quarto em frente. Ao abrir a porta, a lembrança de atravessar o corredor às pressas para acudir Hardin na noite em que o ouvi gritando durante o sono se reaviva dentro de mim. Sento desajeitadamente na cama do “meu quarto”, sem saber o que fazer.

Landon aparece alguns minutos depois. Ele senta ao meu lado, perto o suficiente para demonstrar preocupação, mas longe o bastante para ser respeitoso, como sempre.

“Quer conversar?”, pergunta, com gentileza.

Faço que sim com a cabeça. Repetir a história toda dói ainda mais do que a descoberta em primeira mão, mas a sensação de contar para Landon é quase libertadora. E é um consolo saber que pelo menos uma pessoa não estava o tempo todo sabendo da minha humilhação.

Enquanto me escuta, Landon permanece imóvel feito pedra, e não consigo decifrar o que está pensando. Quero saber o que ele acha do fi-

lho de seu padrasto depois dessa história toda. O que acha de mim. Mas, assim que termino, ele fica de pé em um pulo, com uma energia furiosa.

“Não acredito! O que esse cara tem na cabeça?! Eu aqui achando que ele estava quase virando... alguém decente... e ele faz *isso!* É sujeira demais! Não acredito que ele faria isso com você, logo com você. Por que destruir a única coisa que tem?”

Assim que termina de falar, Landon vira a cabeça para o lado.

E então eu também percebo passos apressados subindo a escada. E não é qualquer passo, mas botas pesadas batendo com força contra os degraus de madeira.

“É ele”, dizemos juntos e, por uma fração de segundo, chego a pensar em me esconder no armário.

Landon me encara com uma expressão muito séria e madura. “Você quer falar com ele?”

Faço que não freneticamente com a cabeça, e Landon levanta para fechar a porta no mesmo instante em que sinto a voz de Hardin me dilacerar.

“Tessa!”

Assim que Landon estende o braço, Hardin irrompe pela porta e passa por ele. Hardin para no meio do quarto, e eu levanto da cama. Desacostumado com esse tipo de coisa, Landon não se move, atordoado.

“Tessa, graças a Deus. Graças a Deus que você está aqui.” Ele suspira e passa as mãos pelos cabelos.

Meu peito dói só de olhar para ele, então afasto o olhar, virando para a parede.

“Tessa, linda. Você precisa me escutar. Por favor, só...”

Fico em silêncio e caminho na direção dele. Seus olhos brilham de esperança, e ele estende a mão para mim. Quando passo direto por ele, vejo essa esperança se extinguir.

Bem feito.

“Fala comigo”, ele implora.

Mas eu nego com a cabeça, parando ao lado de Landon. “Não... Nunca mais vou falar com você!”, grito.

“Você não pode estar falando sério...” Hardin se aproxima.

“Fica longe de mim!”, grito quando ele agarra meu braço.

Landon se coloca entre nós e põe uma das mãos no ombro dele. “Hardin, é melhor você ir embora.”

Hardin cerra o maxilar, e seu olhar alterna entre nós dois. “Landon, é melhor você sair da minha frente”, adverte.

Mas Landon não se move, e eu conheço Hardin bem o bastante para saber que ele está analisando suas opções, avaliando se vale a pena esmurrar Landon agora, bem na minha frente.

Parecendo ter decidido não partir para a agressão, ele respira fundo. “Por favor... só preciso de um minuto com ela”, diz ele, tentando manter a calma.

Landon olha para mim, e meus olhos praticamente imploram por sua ajuda. Ele se vira para Hardin. “Ela não quer falar com você.”

“Não vem você me dizer o que ela quer, porra!”, Hardin grita e soca a parede, amassando e rachando o gesso.

Dou um pulo para trás e começo a chorar de novo. *Não, agora não*, penso comigo mesma, tentando controlar minhas emoções.

“Vai embora, Hardin!”, Landon grita, e no mesmo instante Ken e Karen aparecem na porta.

Ai, não. Eu não devia ter vindo para cá.

“Que diabos está acontecendo aqui?”, pergunta Ken.

Ninguém responde. Karen me lança um olhar cheio de compaixão, e Ken repete a pergunta.

Hardin olha feio para o pai. “Estou tentando conversar com a Tessa, e o Landon fica se metendo onde não foi chamado!”

Ken olha para Landon, depois para mim. “O que você fez, Hardin?” Seu tom mudou de preocupado para... *furioso*? Não sei ao certo.

“Nada! Que merda!” Hardin ergue os braços.

“Ele estragou tudo, foi isso. E agora a Tessa não tem para onde ir”, resume Landon.

Quero falar alguma coisa; só não tenho ideia do quê.

“Ela tem para onde ir, sim, ela pode ir para casa. O lugar dela é lá... comigo”, diz Hardin.

“Hardin estava o tempo todo só usando a Tessa. Ele fez coisas que não tenho nem coragem de contar!”, explode Landon, e Karen solta um suspiro enquanto caminha na minha direção.

Fico toda encolhida. Nunca me senti tão exposta e diminuída. Não queria que Ken e Karen soubessem... mas talvez não faça muita diferença, já que depois de hoje eles certamente nunca mais vão querer me ver de novo.

“Você quer voltar para casa com ele?”, pergunta Ken, interrompendo minha espiral descendente.

Com um gesto tímido, faço que não com a cabeça.

“Bom, eu não saio daqui sem você”, Hardin rosna. Ele dá um passo na minha direção, mas eu me afasto.

“Acho que é melhor você ir embora, Hardin”, diz Ken, me pegando de surpresa.

“O quê?” O rosto de Hardin assume um tom de vermelho tão profundo que só pode ser descrito como *fúria*. “Você tem a sorte de eu querer frequentar a sua casa... e ainda tem a cara de pau de me pôr para fora?”

“Estou muito feliz com a evolução do nosso relacionamento, filho, mas agora você tem que ir embora.”

Hardin joga as mãos para o ar. “Que palhaçada, quem é ela para você?”

Ken se vira para mim, e depois para o filho. “Sejá lá o que você fez, espero que tenha valido a pena perder a única coisa boa da sua vida”, ele responde e baixa a cabeça.

Não sei se é o choque das palavras de Ken, ou se a raiva de Hardin já atingiu o ponto máximo depois do qual simplesmente começa a refluir, mas ele se acalma, olha para mim por um instante e sai pisando duro. Em silêncio, só ouvimos enquanto ele desce a escada sem hesitação.

Quando escuto a porta da frente bater, ecoando pela casa agora tranquila, viro para Ken e começo a soluçar. “Desculpa. Estou indo embora. Não queria que nada disso tivesse acontecido.”

“Não, pode ficar o tempo que precisar. Você é sempre muito bem-vinda aqui”, diz ele. E então ele e Karen me abraçam.

“Não queria ter atrapalhado as coisas entre vocês”, digo, me sentindo péssima pela forma como Ken teve que expulsar o filho de casa.

Karen aperta minha mão, e Ken me olha com uma expressão exasperada e cansada. “Tessa, eu amo o Hardin, mas acho que nós dois sabemos que, sem você, não existiria coisa nenhuma para ser atrapalhada entre a gente”, diz ele.

2



TESSA

Fiquei o máximo que podia, deixando a água escorrer pelo corpo. Queria me limpar, me tranquilizar de alguma forma. Mas o banho quente não me ajudou a relaxar como gostaria. Não consigo pensar em nada que possa acalmar a dor dentro de mim. Ela parece infinita. Permanente. Como um organismo que veio se alojar no meu corpo, mas também como um buraco que não para de crescer.

“Estou me sentindo péssima por causa da parede. Até me ofereci para pagar, mas Ken recusou”, digo a Landon enquanto penteio o cabelo molhado.

“Não se preocupa com isso. Você já tem muito o que resolver.” Landon franze a testa e faz um carinho nas minhas costas com uma das mãos.

“Não consigo entender como a minha vida chegou a este ponto, como isso foi acontecer.” Continuo virada para a frente, evitando o olhar do meu melhor amigo. “Três meses atrás, tudo fazia sentido. Eu estava com Noah, que jamais faria uma coisa dessas. Estava bem com a minha mãe e tinha um rumo para a minha vida. E agora não tenho nada. Literalmente. Nem sei se deveria continuar o estágio na editora, porque Hardin pode aparecer por lá, ou então convencer Christian Vance a me despedir só porque tem esse poder.” Pego o travesseiro na cama e o aperto com todas as forças. “Ele não tinha nada a perder, mas eu sim. E deixei que ele tirasse tudo de mim. Minha vida antes dele era bem simples e definida. Agora... depois dele... é só... o depois.”

Landon me encara com os olhos arregalados. “Tessa, você não pode desistir do estágio; ele já tirou coisas demais de você. Não deixe que ele roube isso também, por favor”, ele praticamente implora. “O lado positivo da sua vida depois dele é que você pode fazer o que quiser, começar tudo de novo.”

Eu sei que ele está certo, mas não é tão simples assim. Tudo na minha vida está ligado a Hardin agora, até a pintura da merda do meu carro. De alguma forma, ele se transformou no pilar que sustenta o meu mundo e, sem ele, só o que me resta é o entulho daquilo que um dia foi a minha existência.

Quando enfim concordo com um aceno não muito convicto, Landon abre um sorriso desanimado e diz: “Vou deixar você descansar um pouco.” Em seguida, me abraça e se levanta para sair.

“Você acha que algum dia vai passar?”, pergunto, e ele se vira para mim.

“O quê?”

Minha voz sai quase num sussurro: “A dor?”.

“Não sei... Mas prefiro pensar que vai. O tempo cura... *quase* todas as feridas”, responde ele e me oferece uma expressão reconfortante, que é ao mesmo tempo sorridente e séria.

Não sei se o tempo vai me curar ou não. Mas sei que, se isso não acontecer, não vou sobreviver.

Na manhã seguinte, firme, mas sempre muito educado, Landon me força a sair da cama, para ter certeza de que não vou faltar no estágio. Escrevo um bilhete para Ken e Karen, agradecendo e me desculpando de novo pela rachadura que Hardin deixou na parede. Enquanto dirige, Landon me olha de relance e tenta me animar com sorrisos e pequenas frases de efeito. Mas ainda me sinto péssima.

Quando ele encosta o carro no estacionamento do bar, as lembranças começam a invadir a minha cabeça. Hardin de joelhos na neve. Zed me contando da aposta. Abro a porta do meu carro depressa e entro, para fugir do frio. Assim que me acomodo no banco do motorista, estremeço diante do reflexo no retrovisor. Meus olhos ainda estão vermelhos, envoltos por olheiras profundas. O inchaço complementa a visão de filme de terror. Definitivamente vou precisar de mais maquiagem do que imaginava.

Passo no Walmart, a única loja próxima aberta a essa hora, e compro tudo o que preciso para mascarar meus sentimentos. Mas não tenho

forças nem energia para cuidar da aparência, então não sei se vai fazer alguma diferença.

Conforme o esperado, assim que chego à Vance, Kimberly arregala os olhos na minha direção. Tento sorrir, mas ela levanta da mesa.

“Tessa, querida, tudo bem com você?”, pergunta, assustada.

“Estou tão mal assim?”, questiono, dando de ombros timidamente.

“Não, claro que não”, ela mente. “Você só parece...”

“Exausta. Porque estou mesmo exausta. As provas finais acabaram comigo”, digo.

Ela balança a cabeça e sorri calorosamente, mas posso sentir seus olhos me acompanhando enquanto caminho pelo corredor até minha sala. Depois disso, o dia se arrasta, parecendo interminável, até o final da manhã, quando o sr. Vance bate à minha porta.

“Boa tarde, Tessa”, diz, com um sorriso.

“Boa tarde”, consigo responder.

“Só queria dar uma passadinha para dizer que estou impressionado com o que tem feito até agora.” Ele ri. “Você está fazendo um trabalho melhor e mais detalhado do que muitos dos meus funcionários efetivos.”

“Obrigada, isso significa muito para mim”, digo, e imediatamente a voz em minha cabeça me lembra que só estou neste estágio por causa de Hardin.

“Por isso queria te convidar para a conferência em Seattle no fim de semana. Às vezes essas coisas são meio chatas, mas essa é sobre publicação digital, a ‘onda do futuro’ e tal. Você vai conhecer um monte de gente, aprender várias coisas. Vou abrir uma segunda filial em Seattle daqui alguns meses, e também preciso falar com algumas pessoas.” Ele ri. “E aí, o que acha? Todas as despesas pagas. Saímos na sexta-feira à tarde. E o Hardin pode vir junto, claro. Não para a conferência, mas para Seattle”, explica, com um sorriso.

Se ao menos ele *soubesse* o que estava acontecendo.

“Claro, vou adorar. Agradeço muito o convite!”, digo a ele, incapaz de conter o entusiasmo e o alívio de que, enfim, algo de bom esteja acontecendo comigo.

“Ótimo! Vou pedir a Kimberly para passar os detalhes e explicar como funciona a questão das despesas...” Ele continua a falar, mas eu me distraio.

A ideia de ir para a conferência alivia um pouco a dor. Vou me afastar de Hardin, mas, por outro lado, Seattle me faz lembrar de quando Hardin queria me levar para lá. Ele poluiu todas as instâncias da minha vida, incluindo todo o estado de Washington. A sala parecia ficar cada vez menor, o ar mais abafado.

“Você está bem?”, pergunta o sr. Vance, franzindo a testa de preocupação.

“Ah, estou, é que... Não comi nada hoje e não dormi bem esta noite”, respondo.

“Então vá para casa, você pode terminar o que está fazendo por lá”, diz ele.

“Não precisa...”

“Não, vá para casa. No mercado editorial, ninguém precisa sair de ambulância do trabalho. A gente dá conta sem você”, ele assegura com um aceno de mão e sai da sala.

Recolho minhas coisas, dou uma conferida na minha aparência no espelho do banheiro — sim, ainda está péssima — e estou prestes a entrar no elevador quando Kimberly me chama.

“Já vai?”, ela pergunta. Faço que sim com a cabeça, e ela acrescenta: “Bom, Hardin está de mau humor, melhor tomar cuidado.”

“O quê? Como você sabe?”

“Porque ele me xingou por não transferir a ligação para você.” Ela sorri. “Nem na décima vez que ligo. Imaginei que, se você quisesse falar com ele, estaria com o celular ligado.”

“Obrigada”, respondo, agradecendo em silêncio por ela ser tão observadora. Ouvir a voz de Hardin ao telefone teria feito o buraco dolorido dentro de mim crescer muito mais rápido.

De alguma forma, consigo chegar ao carro antes de desmoronar mais uma vez. Sem distrações, sozinha com meus pensamentos e lembranças, a dor só parece aumentar. E, claro, mais ainda quando vejo as quinze chamadas não atendidas de Hardin no celular e um aviso de que tenho dez novas mensagens, que não vou ler.

Depois de me recompor o suficiente para dirigir, faço o que vinha evitando ao máximo: ligo para minha mãe.

Ela atende no primeiro toque. “Alô?”

“Mãe”, digo, num soluço. Aquela palavra soa estranha saindo de minha boca, mas preciso do conforto dela agora.

“O que ele fez?”

O fato de esta ter sido a reação de todo mundo é mais uma prova de que o perigo representado por Hardin era óbvio para todos, menos para mim.

“Eu... ele...” Não sou capaz de formular uma frase. “Posso voltar para casa, só por hoje?”, pergunto.

“Claro, Tessa. Vejo você em duas horas”, ela responde e desliga.

Melhor do que eu esperava, mas não tão acolhedor quanto eu gostaria. Queria que ela fosse mais como a Karen, amável e capaz de aceitar erros. Queria que pegasse um pouco mais leve, só para eu poder sentir por um tempo o consolo de se ter uma mãe amorosa e acolhedora.

Assim que pego o acesso para a rodovia, desligo o telefone antes de fazer uma besteira, como ler uma das mensagens de Hardin.